



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

A CHRISTIE'S VENDEU POR US\$ 3,89 MILHÕES UM RETRATO DE CINDY SHERMAN.



A SOCIOLOGA CANADENSE SARAH THORTON DIZ QUE EXISTE UMA COMBINAÇÃO DE ELEMENTOS QUE FORMAM O VALOR DE UMA OBRA E VALIDAM UM ARTISTA.



ENTRE AS INSTÂNCIAS DE VALORIZAÇÃO DE UM ARTISTA E SUA OBRA ESTÃO A FORMAÇÃO ACADÊMICA, AS PREMIAÇÕES, A PRESENÇA EM BIENAIIS E FEIRAS, NOTÍCIAS NA MÍDIA, OBRAS EM LEILÕES E ATELIÊ.



O PROFESSOR MARK TAYLOR ENTENDE QUE ARTE E DINHEIRO SEMPRE FORAM INSEPARÁVEIS, E RELEMBRA A FRASE DE ANDY WARHOL: "A ARTE DOS NEGÓCIOS É O PASSO QUE VEM DEPOIS DA ARTE".



CINDY SHERMAN Um dos mais famosos retratos da fotógrafa norte-americana, Cindy Sherman, pertencente ao Museu de Arte de Akron, em Ohio, será leiloadado em maio e pode alcançar um valor inédito para obras da artista, é o que nos informa a casa *Christie's*. A foto, "Sem Título nº 96", da série *Centerfolds*, feita por Sherman no começo da década de 1980, irá a leilão no próximo dia 8 de maio, em Nova York. No ano passado, a *Christie's* vendeu por US\$ 3,89 milhões um outro retrato de Sherman em tamanho quase natural, no qual ela aparece vestida como uma colegial. Na época, esse foi o preço recorde para uma obra fotográfica, mas o valor já foi superado desde então.

SETE DIAS NO MUNDO DA ARTE Mas o que faz uma obra de arte atingir cifras tão elevadas em leilões e galerias? Para a socióloga canadense Sarah Thorton – que escreve sobre o mercado de arte para as publicações inglesas *The Economist* e *The Guardian* –, existe uma combinação de elementos que formam o valor de uma obra e validam um artista. Em seu livro "Sete Dias no Mundo da Arte" ela descreve sete diferentes instâncias de valorização de um artista e sua obra: formação acadêmica, premiações, presença em bienais e feiras, notícias na mídia, obras em leilões e ateliê.

SISTEMA COMPLEXO Segundo Adriano Pedrosa, curador da Bienal de Istambul, o mercado de arte é um sistema complexo que envolve um número extenso de plataformas de visibilidade, associado a fatores que determinam a validação de um artista. A ideia romântica de que talentos natos não precisam concluir uma faculdade de artes não tem mais espaço na realidade atual. Nesse contexto, a faculdade não é apenas o local onde o aluno aprende os fundamentos teóricos e práticos da arte. É também o lugar onde o artista fará os seus primeiros contatos profissionais.

MERCADO E MUSEUS Márcia Fortes, diretora da galeria Fortes Vilaça, entende que o artista sozinho, com seu trabalho, por mais talentoso que seja, não chega a lugar algum. Participar de uma importante exposição internacional, quase sempre, garante uma validação institucional. Bienal de Veneza, Documenta de Kassel, além das Bienais de São Paulo e Istambul, são algumas das principais. Márcia Fortes entende que o circuito internacional de museus não vai garantir a sobrevivência. Segundo ela, há artistas com uma validação extraordinária no mercado, seja em leilão ou galeria, mas que são totalmente desprezados pelo circuito institucional. Existem também os casos opostos: muita importância institucional e pouco valor de mercado.

BENS INTANGÍVEIS Mark C. Taylor, da *Columbia University*, considera que o capital financeiro empurra a arte para a esfera de criação movida por extremado sentido mercantil. Em seu livro "*Refiguring the Spiritual: Beuys, Barneys, Turrell, Goldsworthy*", ele escreve: "à medida que o capitalismo financeiro se expande, a produção de bens tangíveis é deslocada pela invenção de produtos intangíveis (...) isso é verdade tanto no mercado de arte como no mercado de ações".

ARTE E DINHEIRO

Taylor afirma que arte e dinheiro sempre foram inseparáveis, e lembra a frase de Andy Warhol: "a arte dos negócios é o passo que vem depois da arte". Para o professor de Columbia, há várias décadas a relação da arte com o dinheiro vem se transformando nas mãos do capitalismo financeiro. Ele diz que nas formas anteriores do capitalismo – agrícola, industrial e de consumo –, as pessoas ganhavam dinheiro comprando e vendendo trabalho e bens materiais. Porém, no capitalismo financeiro, a riqueza é criada pela circulação de signos respaldados por outros signos.

ANDY WARHOL O professor Mark Taylor lembra que a apropriação artística, por Warhol, das imagens e ícones da cultura de consumo colocou à mostra tanto as maquinações do capitalismo de consumo como a comoditização da arte, tão vigorosamente promovida pelo florescente sistema de galerias. Com a crescente prosperidade econômica, a arte, cujo colecionamento e exibição por muito tempo haviam ficado restritos à Igreja e à aristocracia, tornou-se o marco social para pessoas que aspiravam ascender acima da classe média.

EMPRESARIALIZAÇÃO DA ARTE Segundo o professor Taylor, a empresarização da arte pode ser compreendida de duas formas: nos últimos 20 anos, muitas grandes empresas se apropriaram da milenar prática de aumentar seu prestígio comprando e exibindo obras de arte. Em muitos casos, empresas contratam assessores para montar suas coleções. A segunda forma foi a constituição de alguns artistas em empreendedores de sua própria arte.

UM MERCADO DE US\$ 30 BILHÕES Mark Taylor informa que, em 2006, o mercado privado de arte atingiu a marca entre US\$ 25 bilhões e US\$ 30 bilhões. A *Christie's International* e a *Sotheby's*, as duas principais casas de leilão, registraram vendas no total de US\$ 12 bilhões e mais de duas dezenas de galerias tinham vendas anuais superiores a US\$ 100 milhões. O professor conclui que "(...) nem Warhol poderia ter previsto a explosão do mercado de arte na virada do milênio".